

O SUJEITO NA TEORIA ENUNCIATIVA DE A. CULIOLI: ALGUMAS REFERÊNCIAS*

Catherine Fuchs (C.N.R.S.: R.C.P. 665)

Tradução de Letícia M. R. Robert

Nós propomos aqui alguns pontos de referência para apreender os locais de emergência e os modos pelos quais a noção de "sujeito" intervém na teoria enunciativa de A. Culioli¹. Nossa reflexão articula-se em torno da rejeição, central para essa teoria, de três grandes oposições clássicas: rejeição da oposição língua/discurso (em prol de uma problemática da linguagem e das línguas), rejeição da oposição sintaxe/semântica/pragmática (em prol de uma problemática das operações predicativas e enunciativas), rejeição enfim, da oposição função referencial/funções intersubjetivas (em prol de uma problemática da co-enunciação).

1. A leitura e as línguas

A oposição língua/discurso é rejeitada por Culioli, em prol de uma problemática da linguagem e das línguas. Sabemos que a hipótese de base de toda teoria enunciativa é a inscrição do sujeito no próprio âmago do sistema linguístico, manifestada em particular pela existência de certas categorias gramaticais específicas, que marcam a relação do sujeito com o seu enunciado (pessoas, modalidades, temporalidade, dêixis, etc... cf. "O aparelho formal da enunciação" de Benveniste). Esta hipótese obriga a rever o conceito de "língua" e a redefinir duplamente o objeto de estudo do linguista.

Em primeiro lugar, torna-se impossível referir-se à língua entendida como um sistema totalmente distinto de seu utilizador e de suas condições de utilização e de opôr "língua" a qualquer coisa que lhe seja "exterior" quer se trate de "fala" individual, de "performance" ou de "discurso". Deste modo, encontra-se substituída, às abordagens instrumentais da linguagem como "ferramenta", uma abordagem mais versátil, que procura trabalhar precisamente no ponto de articulação entre a língua e o discurso, no "fazer-se discurso", quer dizer, no executar-se das operações construtoras da significação dos enunciados. Em consequência, o sistema linguístico não é

*Este artigo foi publicado na revista DRLAV nº 30 (1984: p.45-53). Agradecemos a autora e a revista DRLAV pela autorização para publicar este estudo em nossa revista.

mais um espaço homogêneo, um conjunto de regras interiorizado por todo locutor de uma comunidade lingüística, mas um espaço que é, ele próprio, recortado pela oposição entre o estável e o instável (cf. infra, §2), lugar de ajustamentos e desvios (cf. infra, §3).

Em segundo lugar, a oposição entre o estável e o instável encontra-se ao nível de cada língua particular: "as regras são sempre, para uma língua dada, em parte regras específicas e em parte regras generalizáveis". (A.C., 1975-76, p. 223) . Ora, é precisamente no domínio do "generalizável" (enquanto distinto do "universal") que Culioli situa as operações construtoras do enunciado: "O generalizável é o que pode ser construído e reconstruído conforme solicitado e segundo as relações implicadas, por exemplo quando se trata de construir certas operações que dizem respeito à relação que existe entre a quantificação, a qualificação e o aspecto, ...; enquanto que o universal é o que somos obrigados a colocar, quer como axioma, quer como princípio, para poder dar conta de um certo número de fenômenos, por exemplo, quando se trata de certas condições sobre a enunciação, como a necessidade de ter dois enunciadores" (A. C. opus cit, p. 224). Nós voltaremos no §2 sobre as operações generalizáveis e no §3 sobre as próprias condições de enunciação.

Esta redifinição do objeto de estudo do linguísta ("A linguagem apreendida através da diversidade das línguas") implica em conseqüências do ponto de vista no que entendemos por "dados lingüísticos". Culioli propõe uma "teoria dos observáveis"² onde ele opõe a três ordens de dados (respectivamente os dados de tipo "classificatório", os "meta-textos" artificiais, e os "corpus constricto"³) um quarto tipo de dados, que faz intervir muito claramente o sujeito: trata-se do que ele chama as "glossas epilinguísticas" e as "paráfrases metalingüísticas", quer dizer, equivalências entre enunciados produzidos, dependendo do caso, de modo não-consciente ou consciente, pelos sujeitos, e que necessitam ser descritos em termos de operações (cf. infra, §2, as operações construtoras do enunciado).

Vemos que o sujeito está fundamentalmente inscrito tanto no objeto de estudo quanto no tipo de dados lingüísticos que estão vinculados à teoria de Culioli.

2. Operações predicativas e operações enunciativas

Vinda de um horizonte lógico, a distinção sintaxe/semântica/pragmática é explicitamente rejeitada por Culioli ("Qualquer coisa é melhor do que a separação radical entre sintaxe e semântica, que leva, inexoravelmente, a uma sintaxe com um léxico provido de regras projetivas", A.C., 1968 p. 113); a esta hierarquia dos níveis de análise Culioli substitui uma "semântica formal" colocando em jogo uma dupla série de operações: predicativas e enunciativas.

É de fato em termos de operações predicativas e de operações enunciativas, intimamente imbricadas, que ele pretende dar conta da construção do enunciado a partir deste ente metalingüístico abstrato que é a "lexis"⁴. As operações predicativas

são aquelas graças às quais se organiza a relação predicativa; são regras de derivação, responsáveis pela "boa formação das frases" que constroem o "sentido", e são estáveis do ponto de vista intersubjetivo. As operações enunciativas são aquelas que ancoram a relação predicativa em relação à situação de enunciação; elas são responsáveis pela "constituição dos enunciados", e constroem a "significação" (pela atribuição de "valores referenciais"), e são instáveis do ponto de vista intersubjetivo, pelo fato de colocarem em jogo "modulações"⁵ variáveis segundo os enunciadores: "se o segundo enunciador (=o receptor) possui as mesmas regras de derivação, ele não possui necessariamente as mesmas regras de modulação" (A.C., 1973, p. 87). Digamos, para sermos breves, que estas operações se caracterizam respectivamente pela escolha de um "termo de partida"⁶, em seguida de um "tema"⁷ para a relação predicativa, e para a seleção de toda uma série de valores enunciativos (valores de "focalização"⁸ e de quantificação/qualificação⁹, em seguida valores modais, aspecto-temporais e de pessoa). No cálculo destes valores enunciativos, os parâmetros constitutivos da situação de enunciação (sujeito e momento de enunciação) intervêm de modo explícito e operatório, permitindo a construção de fórmulas metalinguísticas representando as operações em jogo.

À primeira vista poderíamos ser levados a pensar que somente as operações enunciativas (em oposição às operações predicativas) fariam intervir o sujeito, tanto do ponto de vista da construção do enunciado (somente as operações enunciativas se "calculam" em relação ao sujeito enunciador) quando do ponto de vista da troca discursiva (postula-se que somente as operações enunciativas oferecem possibilidades de variações intersubjetivas no estabelecimento dos valores resultantes). Se assim fosse, decorreria daí uma separação bem demarcada entre os dois tipos de operação. Ora, uma tal separação parece rejeitada na perspectiva de Culioli: as operações predicativas e as operações enunciativas estão intimamente imbricadas umas nas outras, e seu parentesco é tal que elas levam, em fim de conta, a um único tipo de operação formal.

Retomemos este ponto. Primeiramente, "as operações enunciativas são dificilmente dissociáveis das operações predicativas; é porque há enunciadores que há enunciados; os enunciados não têm significação fora da atividade dos enunciadores e são os enunciadores que constroem os valores referenciais do enunciado" (A.C., 1975-76, p.91). A extrema imbricação entre operações predicativas e operações enunciativas manifesta-se pela interdependência das categorias gramaticais; é impossível estabelecer uma categoria gramatical, não importa qual (tempo, determinação, diátese, modalidade ...) sem levar em conta ao mesmo tempo o que acontece nas categorias vizinhas: assim, por exemplo, "nas locuções impessoais, temos deformação ao nível aspectual, ao nível da determinação, e de um modo geral ao nível da quantificação" (A.C. opus cit. p. 151). Por outro lado, as operações predicativas e as operações enunciativas constituem ambas operações de "réperage"¹⁰, quer dizer, executam relações (predicativas e enunciativas respectivamente) que se organizam em torno de um certo elemento chamado "repère" (A.C., opus cit. p.107). Para representar, ao nível meta-linguístico, es

sas operações de "repêrages" sucessivas, é utilizado um único e mesmo operador: o operador \underline{E} , podendo tomar um número limitado de valores de base¹¹ mas conduzindo a uma multiplicidade de valores em contexto, e ainda mais, em uma mesma fórmula metalinguística, "repêrages" predicativas e "repêrages" enunciativas substituem-se umas às outras, os parâmetros constitutivos da situação de enunciação comutam com os "repêres" predicativos (em outros termos: os actantes aparecem deste modo como traços, imagens ou substitutos do enunciador).

Vemos que o sujeito não tem domínio reservado: se ele intervém de modo privilegiado ao nível das operações enunciativas, ele não é, por outro lado, excluído ou ausente das operações predicativas.

3. A co-enunciação

Terceiro tipo de oposição rejeitada por Culioli: a oposição entre função referencial e funções intersubjetivas. Apesar de partir do clássico "esquema da comunicação" (cf. A.C., 1967), notaremos de um lado que Culioli torna-o mais complexo colocando que os papéis de emissor e receptor são ambos assumidos simultaneamente pelos dois interlocutores... daí as noções de "co-enunciação" e de "co-enunciadores"... ("É sabido que, durante uma conversação, o locutor torna-se auditor e o auditor locutor. Além do mais no momento em que o locutor fala, ele é seu próprio auditor e o auditor um locutor virtual que não exteriorizou ainda sua resposta" (A.C., opus cit., p. 2), e por outro lado Culioli marca sua posição contra a assimilação da linguagem a um código externo aos sujeitos, assegurando-lhes uma comunicação optimal.

A co-enunciação é o conjunto de relações complexas que tecem os interlocutores por meio da linguagem. A referenciação não é nem neutra nem objetiva, é um processo mediado pelos sujeitos, de construção e reconstrução da significação; ela é indissociável dos dois protagonistas da troca verbal assim como também as representações, imagens e expectativas de um em relação ao outro: "A significação de um enunciado, além de seu sentido é resultado de uma acomodação intersubjetiva" (A.C., 1973, p. 87). A co-enunciação põe em jogo uma série de operações de produção e reconhecimento interpretativo onde nada autoriza dizer que eles sejam totalmente simétricas ou reversíveis. A co-enunciação é precisamente o lugar do "jogo" (no sentido duplo deste termo), quer dizer, ajustamentos, voluntários ou não, sucedidos ou não; desvios, lapsos, mal entendidos, ambigüidades que não são "parasitas" da comunicação, ou "ruídos" sobre o fundo informativo claro, mas fazem parte integrante da atividade da linguagem.

É aqui a ocasião de voltar sobre a noção de "modulação" mencionada acima (cf. supra, §2, a respeito das operações enunciativas). De fato a co-enunciação repousa sobre o trabalho de ajustamento entre os "sistemas de coordenadas" dos dois interlocutores; estes sistemas são de um lado estáveis e de outro lado "feitos de deslocamentos e translações" (A.C., 1975-76, p.216). Notaremos, antes de tudo, que a modulação é constitutiva das operações construtoras do enunciado¹²: é impossível falar so

bre produzir ou reconhecer um enunciado sem modular, e a ausência de modulação seria ainda uma modulação. A modulação é concebida como a modificação qualitativa do domínio sobre o qual ela incide (A.C., 1968a, p.334), como a sobreposição de uma significação sobre uma outra significação (A.C., 1973, p.85), e concretiza a passagem do "signo" ao "símbolo", quer dizer do domínio do descontínuo, do estável e do arbitrário ao domínio do contínuo, do analógico, do instável e do motivado (A.C., 1968, pp. 112-113; e 1971b, pp. 68-69). A modulação leva a valorizar certos traços ou elementos e finaliza "ponderando" de modo variável os vários constituintes do enunciado.

Culioli distingue dois tipos de modulações (cf. A.C., 1968c, pp.112-113; 1969, p.3; 1971b, p.73): a um nível profundo (o das "relações primitivas" entre "noções"), a modulação dita "retórica" produz desvios de sentido, tipo metafórico, segundo a situação de enunciação, os pressupostos (ideológicos, socio-culturais...) dos enunciadores (A.C., 1971a, p.9; 1975-76, p.56); em um nível mais próximo da superfície (o das operações enunciativas), a modulação dita "estilística" produz permutações dos elementos sobre a sequência, assim como modificações prosódicas induzindo novos valores, como por exemplo efeitos de "relevo" características de certas focalizações (A.C., 1975-76, p. 37 e 67).

Alguns exemplos de modulações:

- a) em inglês, a retomada de um objeto técnico inanimado por it ou she segundo conotação afetiva indiferente, negativa ou ao contrário positiva (A.C., 1968, p.334),
- b) em francês, as conotações amplificadoras do plural: cf. por exemplo les sables du désert, les eaux du lac, les lointains bleutés dando idéia de espaços ilimitados, ou ainda os usos de tratamento ou plural de polidez sobre a categoria da pessoa (A.C., 1971b, p.68; 1975a, p.8); cf. também os diversos tipos de modulação correspondente ao emprego do singular como em la tripe; y a de la voiture; il a l'oeil fourbe; du livre (A.C., 1975a, p.8; 1975-76, p. 37),
- c) a modulação que permite jogar sobre os dois valores polares da asserção (positivo/negativo) articulando-os em lugar de opô-los, assim como em "il est venu et il n'est pas venu" (A.C., 1975-76, p.81),
- d) as conotações favoráveis, desfavoráveis ou neutras associadas a certos predicados, como em latim venit (neutro), contingit (positivo), accidit (negativo) (A.C., 1975-76, p.50),
- e) as conotações neutras, melhorativo, pejorativo, devidas à ordem dos elementos na sequência, assim como Moi, j'aime les films japonais, Les films japonais, moi je les aime; Moi, les films japonais... (A.C., 1975-76, p.67).

Através da modulação, o sujeito encontra-se pois fundamentalmente introduzido na teoria, uma vez que não há enunciados não modulados, e que as modulações são precisamente o vetor das variações intersubjetivas; a noção de "gramática subjeti

va" proposta por Culioli fica agora muito nítida: é no próprio âmago do funcionamento gramatical (e não na sua periferia, ou como suplemento facultativo) que se manifesta o espaço do jogo intersubjetivo com seus deslocamentos intransponíveis; para tomar apenas um exemplo, cada um pondera a sua maneira a dosagem entre quantidade e qualidade em um enunciado como Tu ne peux pas savoir ce qu'il peut fumer comme cigarettes (A.C., 1974, p.10), e a dosagem entre particularização e generalização nos dois títulos seguintes: La femme mariée / Une femme mariée.

Para finalizar, se o sujeito encontra-se inscrito no próprio âmago da Teoria de Culioli, é porque esta teoria está comprometida com a articulação entre o estável e o variável, em um triplice plano: da descrição-comparação das línguas, das operações construtoras do enunciado e da troca interlocucional.

NOTAS

1. Nós supomos aqui que esta teoria seja conhecida pelo leitor (cf. infra, a bibliografia). Para uma apresentação geral do modelo, nós remetemos a A.C., 1975-76; ver também C.Fuchs e P. Le Goffic, 1975, Initiation aux problèmes des linguistiques contemporaines, Paris, Hachette, cap.13, pp.120-127, e Fuchs, C., 1980, Paraphrase et théories du langage, tese de doctorat d'État, Universidade de Paris VII, pp. 273-291.
2. cf. A.C., 1975-76, pp. 224-229; 1978a, pp.485-486; 1979a, pp. 205-206; 1979b, pp. 94-97 e 102-103; e Culioli e Desclès, 1981, pp. 1-5.
3. Corpus limitado a certas restrições específicas. Ex: corpus da linguagem de psicóticos. (Nota do tradutor).
4. a "lexis" resulta ela própria de operações de "instanciação" pelas quais um triplo ordenado de "noções" (chamada relação primitiva) providas de propriedades (chamadas "primitivas") encontram-se inseridas diversamente em uma forma canônica com três lugares (o "esquema de lexis"). Ver apresentações gerais do modelo (cf. Nota 1).
5. As modulações que intervêm ao nível das operações enunciativas são chamadas "estilísticas", e distinguem-se das modulações "retóricas", que entram ao nível das "relações primitivas", sobre a distinção entre os dois ver Culioli-Fuchs-Pêcheux, 1970, p.8 e pp.18-19; ver também infra, §3.
6. O termo de partida funciona como um primeiro ponto de referência em relação ao qual o resto da relação predicativa encontra-se localizada. Este pode ser: (i) a "origem" da relação primitiva (ativa) (ii) o "objetivo" da relação primitiva "pas-

- siva), (iii) a origem coincidindo com o objetivo da relação primitiva (relação "enlaçada" do tipo intransitivo ou reflexiva), (iv) nem a origem nem o objetivo, mas um outro termo (criando uma relação complexa do tipo predicado com mais de dois ac tantes). Ver apresentação geral do modelo.
7. O "repêre" constitutivo do enunciado funciona como uma segunda informação sobre a qual se organiza o enunciado. Este pode ser: (a) o termo de partida (locuções ati vas ou passivas), (b) um outro termo (locuções factivas e causativa), (c) um repre sentante da situação de enunciação, por exemplo, as locuções impessoais). Ver apre sentação geral do modelo.
 8. O valor resultante da operação de focalização depende: se o termo de partida é vis to como único que assegura a relação (donde um valor de identificação, como em E Pedro que...), ou como único assegurando a relação entre outros (donde um valor de localização, como em Há Pedro (entre outros) que...), ou ainda como neutro deste ponto de vista. Ver apresentação geral do modelo.
 9. A operação de quantificação/qualificação contribui para construir, entre outras, os determinantes (no sentido amplo) dos substantivos. Cf. A.C., 1975a, e Culioli e al., 1980.
 10. O termo "repêrage" é difícil de traduzir em Português. Trata-se de uma operação de busca, de procura. Aproxima-se dos termos "localização", "determinação", mas estes termos já estão ocupados dentro da Teoria.
 11. O operador de "repêrage" pode tomar um dos quatro valores de base seguintes: (a) identificação, (b) localização (abstrata), no caso deste valor, o operador tem um dual, notado 3 (c) nem identificação, nem localização ou então identificação ou localização (valor "composto"). Cf. A.C., 1980b, pp.3-4.
 12. Algumas citações: "Não há enunciação sem modulação" (A.C., 1968a, p.334, nota 19); "A modulação do discurso é inerente ao próprio sistema, e não um supêrfluo anexa do" (A.C., 1968c, p.108); "Todo enunciador é ao mesmo tempo emissor e receptor. Compreenderemos, deste modo que a modulação faça parte integrante da atividade linguagística" (A.C., 1971b, p.73); "Não existe enunciado que não seja modulado, quer dizer, um fenômeno único (mesmo se, em outras circunstâncias, ele seja mem bro de uma família parafrástica)" (A.C., 1973, p.86).

BIBLIOGRAFIA

CULIOLI, A. (1967): "La communication verbale", Encyclopédie des Sciences de l'homme, tome 4, Paris, Grange Batelière.

- CULIOLI, A. (1968a): "A propos du genre en anglais contemporain", Les Langues Modernes, 3, Paris, APLV, pp. 326-334.
- CULIOLI, A. (1968b): "Pédagogie; intervention au colloque du 11.11.68", ibidem, pp.574-579.
- CULIOLI, A. (1968c): "La formalisation en linguistique", Cahiers pour l'Analyse, 9. Paris, pp.106-117; repris dans Culioli-Fuchs-Pêcheux (1970), pp.1-13.
- CULIOLI, A. (1969): "Ebauche d'une théorie des modalités" (conférence prononcée devant la Société de Psychanalyse le 6.5.69), AFLA, ronéo., 6 pages.
- CULIOLI, A. (1971a): "A propos d'opérations intervenant dans le traitement formel des langues naturelles", Mathématiques et Sciences Humaines, 34, Paris, Gauthier-Villars, pp. 7-15.
- CULIOLI, A. (1971b): "Un linguiste devant la critique littéraire", Actes du Colloque de la S.A.E.S. (Clermont-Ferrand), pp. 61-79.
- CULIOLI, A. (1973): "Sur quelques contradictions en linguistique", Communications, 20, Paris, Le Seuil, pp. 83-91.
- CULIOLI, A. (1974): "A propos des énoncés exclamatifs", Langue Française, 22, Paris, Larousse, pp. 6-15.
- CULIOLI, A. (1975a): "Note sur 'détermination' et 'quantification'; définition des opérations d'extraction et de fléchage", Document PITFALL, Université Paris VII, 17 pag.
- CULIOLI, A. (1975b): "Comment tenter de construire un modèle logique adéquat à la description des langues naturelles", in David et Martin (éd.): Modèles logiques et niveaux d'analyse linguistique, Paris, Klincksieck, pp. 35-47.
- CULIOLI, A. (1978a): "Linguistique du discours et discours sur la linguistique", Revue Philosophique, 4, Paris, PUF, pp. 481-488.
- CULIOLI, A. (1978b): "Valeurs modales et opérations énonciatives", Le Français Moderne, 46-4, Paris, pp.300-317; repris dans Modèles Linguistiques, I-2 (1979), Lille, Presses Universitaires, pp. 39-59.
- CULIOLI, A. (1979a): "Why teach how to learn to teach what is best learnt untaught", Cahiers Charles V, 1, Université Paris VII, pp. 199-210.
- CULIOLI, A. (1979b): "Conditions d'utilisation des données issues de plusieurs langues naturelles", Modèles Linguistiques, I-1, Lille, Presses Universitaires, pp. 89-103.
- CULIOLI, A. (1980a): "Quelques considérations sur la formalisation de la notion d'aspect", L'enseignement du Russe, 27, Paris, pp. 65-75.

- CULIOLI, A. (1980b): "Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique", in David et Martin (éd.): La notion d'aspect, Paris, Klincksieck, pp. 181-193.
- CULIOLI, A. (1980c): "Rapport sur un rapport", in Joly (éd.): La psycho-mécanique et les théories de l'énonciation, Lille, Presses Universitaires, pp. 37-47.
- CULIOLI, A. (1980d): "Le concept de notion", Bulletin de Linguistique Appliquée et Générale, 8, Université de Besançon, pp. 62-79.
- CULIOLI, A. (1982): "Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe, coll. ERA 642, complément au vol. 2, Université Paris VII, 30 pages.
- CULIOLI, A. et. al. (1968a): "Sciences du langage et sciences humaines; débat", Raison Présente, 7, Paris, Editions rationalistes, pp. 14-40.
- CULIOLI, A. et. al. (1968n): "Utilisation des méthodes de la linguistique pour l'explication d'un texte à une classe terminale de l'enseignement secondaire; table-ronde", Les Langues Modernes, 3, Paris, APLV, pp. 396-407.
- CULIOLI, A., Fuchs, C. et Pêcheux, M. (1970): "Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage", Document de Linguistique Quantitative, 7, Faculté des Sciences de l'Université de Paris, 49 pages.
- CULIOLI, A. et al. (1980): "Opérations de détermination; théorie et description, coll. ERA 642, vol. 1, Université Paris VII, 286 pages.
- CULIOLI, A. et Descles, J-P. (1981): "Systèmes de représentations linguistiques et métalinguistiques, coll. ERA 642, numéro spécial, Université Paris VII, 141 pages.